

O saber dos professores

Há muitos anos que o início do ano letivo não era tão acidentado, embora eu já consiga recordar muitos... A comunicação social encarrega-se sempre de dramatizar todos os incidentes, mas de facto o cenário da escola neste Outubro de 2014 é sem dúvida desanimador — para os professores e, para os cidadãos e para todos aqueles que se envolvem há muito na qualidade do ensino e no desenvolvimento profissional dos docentes — como é o caso da APM, de outras associações profissionais, e de modo geral das universidades e politécnicos que realizam formação de professores.

Partilho do descontentamento geral, como tenho tornado público. Mas mais que os incidentes e bizarras lamentáveis da pequena política que nos invade todos os dias, preocupa-me uma subtil, mas fortíssima, alteração na construção deliberada do que me parece a desvalorização dos professores e de que talvez nem os próprios tenham uma consciência clara, arrastados como estão na luta pela sobrevivência. Refiro-me ao desprezo reiterado pelo conhecimento profissional, aquele saber que deve distinguir um professor, e que o legitima socialmente para ensinar, lhe dá uma «licença» expressiva do reconhecimento público da especificidade daquilo que faz. Sem entrar nas minudências teóricas, recordo que um saber profissional — neste caso, o dos professores — se caracteriza por combinar e mobilizar adequadamente várias componentes de conhecimento para a sustentação da ação específica daquele profissional.

Todos os saberes profissionais se constituíram gradualmente a partir de uma espécie de pré-história em que os «oficiais» do ofício procediam por senso comum, numa base de tentativa-erro... Assim foi com o recurso aos barbeiros na história que antecede a profissionalização dos médicos... ou com a cultura benévola e prática de João Semana, que cuidava mais por instinto e afeto que por saber científico...

À medida que uma profissão se afirma e se distingue, invoca, constrói e defende a especialidade do seu saber — passa a exigir-se que só quem sabe possa exercer. E que, para isso, seja formado nesse saber profissional, como Nóvoa bem assinalou na história que traça da profissão em Portugal.

E precisa de saber o quê para ser professor?...

De uma forma simplificada, as políticas de formação têm incorporado, com graus variáveis de profundidade, e com nomenclaturas diversas, o reconhecimento da exigência de quatro grupos de componentes de conhecimento pro-

fissional docente, a combinar na formação: conhecimento dos conteúdos a ensinar (designada em geral como componente *científica*), conhecimentos ligados ao *como ensinar* (subsumidos na designação componente *pedagógica e/ou didática*), conhecimento do *aluno e do seu contexto*, e o conhecimento *prático* (oferecido em formatos de estágio, *practicum*, prática profissional) corporizado na formação mediante dispositivos variados de contacto e/ou imersão no contexto de trabalho, desejavelmente supervisionada, e com graus de responsabilidade variável do formando face à ação plena de ensinar.

Políticas recentes em Portugal vêm lamentavelmente empobrecendo este cruzamento de elementos do saber profissional internacionalmente aceite na comunidade investigativa e nos *fora* de políticas educativas (como a OCDE ou a Comissão Europeia), aproximando-o do senso comum e esbatendo a complexidade requerida para o saber de um profissional, atribuindo centralidade acrescida e quase exclusiva à componente de conhecimento de conteúdos com desvalorização tendencial das restantes componentes. Esta tendência é patente em reformas pontuais de disciplinas curriculares e no discurso público dos responsáveis que retoma, numa anacronia incompreensível, a velha máxima do tempo dos nossos pais «quem sabe ensina»... Regresso à pré-história da profissão... Ao tempo em que qualquer um podia «dar aulas»... Perda do *empowerment* conquistado ao longo de mais de cem anos de profissionalização desta nossa ação de ensinar enquanto fazer com que outros aprendam, cada vez mais essencial se queremos uma sociedade equitativamente mais educada.

Ainda que muitos professores não se dêem conta, o poder está a ser-lhes retirado silenciosamente, o único poder que os dignifica e que pode afirmá-los socialmente e realizá-los profissionalmente — o poder do seu conhecimento.

Uno a minha voz à daqueles muitos que, nesta revista e noutros locais, se continuarão a bater por uma profissão cada vez mais reconhecida e respeitada, e estão dispostos a trabalhar por isso. Defendida na exigência acrescida do seu saber e do respeito que lhe é devido. Mesmo quando os ventos são adversos.

MARIA DO CÉU ROLDÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

EDITORIAL

Maria do Céu Roldão

SETEMBRO :: OUTUBRO

#129

1